

pactos
& disputas político-comunicacionais
sobre a presidenta Dilma

maria helena weber (org.)

Maria Helena Weber (Org.)

Pactos e disputas político-comunicacionais sobre a presidenta Dilma

Porto Alegre

Figura de Linguagem

2021

Copyright by Maria Helena Weber (Org.)

Revisão: Coletivo Manabu

Projeto gráfico: Editora Figura de Linguagem

Catálogo na Publicação (CIP)

Ficha Catalográfica

Weber, Maria Helena (Org). Pactos e disputas político-comunicacionais sobre a presidenta Dilma. Porto Alegre:

Figura de Linguagem, 2021, 883 p.

1. Comunicação social 2. Política 3. Título

ISBN 978-65-88942-12-3

Conselho editorial

Luís Augusto Fischer

Silvana Bastos

Felipe Polydoro

Roberta Flores Pedroso

Felipe Minor

Fernanda Bastos

O CABIMENTO DA OBRA

Dilma Vana Rousseff sempre será um instigante e desafiador acontecimento para a pesquisa, capaz de atrair questões dos campos político, jurídico, econômico, cultural e comunicacional que podem ser problematizadas. O forte nome tão estrangeiro e a sua aparência tão forte já é parte constitutiva da história política brasileira. Em sua vida pessoal e política é possível identificar pistas e argumentos imprescindíveis à compreensão da cultura brasileira e da política nacional.

Para a régua da cultura brasileira a ex-presidenta afrontou os padrões de gênero previstos para o exercício político, contrariou expectativas sobre sua submissão política e econômica e assumiu o protagonismo no papel de “Dilma Valente”. Deste modo homenageou o Brasil das mulheres ao expor sua autonomia, sua força e uma personalidade imprópria aos desígnios chauvinistas. A história política a tem como testemunha do regime militar e do recente regime democrático. Dilma dedicou a sua vida à defesa da democracia ocupando diferentes lugares, de humilhação e poder: militante de movimentos revolucionários; universitária expulsa da UFMG; prisioneira torturada pelo regime militar; ativista no processo de democratização do país; administradora vinculada aos partidos PDT e PT ocupou cargos de secretária municipal, estadual e ministra. Chega ao auge do poder – à presidência da república – e novamente é humilhada por decisão de *impeachment*, o Golpe de 2016.

A reunião destes textos responde especialmente à pesquisa vinculada à Bolsa Produtividade do CNPq, no período 2017-2020. São 30 textos de 52 autores vinculados a 12 universidades brasileiras (UCS, UFCE, UFF, UFMG, UFPE, UFPel, UFPr, UFRGS, UFSM, UnB, Unipampa e UNISINOS) e, também, à Université Sorbonne Nouvelle e às

instituições Defensoria Pública e ao Museu da Imagem e do Som (MIS) de Fortaleza.

Este livro digital é mais uma contribuição aos estudos sobre a contemporânea democracia brasileira e o poder da comunicação, das mídias e das redes sociais digitais que têm alterado o curso das práticas políticas e o comportamento dos políticos. É o resultado de pesquisas realizadas no âmbito das universidades e, especialmente, de seus programas de pós-graduação. Indica, também, a premência de um acontecimento e instiga análises, mesmo limitadas pelo tempo histórico, pela falta de distanciamento, qual uma ousadia metodológica.

A abertura da obra é realizada pela pesquisadora *Flávia Biroli* que ratifica a importância de Dilma Rousseff para os estudos da ciência política e de gênero e de *Céli Regina Pinto* que também a situa nesta relação e presta um Tributo à presidenta Dilma Rousseff, ressaltando o significado da sua representação política e simbólica.

Os textos foram reunidos por similitudes temáticas numa ordem temporal que abrange desde a primeira eleição da presidenta Dilma, em 2010, ao seu *impeachment*, em 2016. Para além da organização indicada no sumário é possível propor outro modo de leitura que privilegia proximidades temáticas.

Dilma e as eleições - Ricardo Fabrino Mendonça e Ana Carolina Ogando oferecem o artigo “Discursos sobre o feminino: um mapeamento dos programas eleitorais de Dilma Rousseff”, que analisa o programa eleitoral de 2010 e questões de gênero, identidade e política. *Denise Mantovani* problematiza, através de análise de enquadramentos e da questão de gênero, as eleições de 2010 e o chamado neoconservadorismo, no texto “Discursos sobre o feminino: um mapeamento dos programas eleitorais de Dilma Rousseff e Dilma e o neoconservadorismo: o que as eleições de 2010 nos mostraram?”. *Luciana Panke* oferece uma reflexão sobre tipologias e arquétipos da candidata Dilma Rousseff nas duas eleições no artigo “Dilmãe guerreira:

as tipologias arquetípicas da primeira candidata eleita à Presidência do Brasil”.

Dilma e o debate público - A presença de uma mulher na disputa do poder maior movimentou atores políticos, sociais e midiáticos em torno de temas controversos e permite reflexões importantes. É o caso do texto de *Sandra Bitencourt Genro* e *Fiorenza Zandonade Carnielli* que aborda os embates políticos e discursivos em torno da temática do aborto, sob o título “Dilma em três tempos frente ao aborto: direitos reprodutivos, influência religiosa e temas morais no debate público”. A questão sobre gênero na política é abordada por *Thiane Ávila* no texto “Dilma Rousseff: a prova de que precisamos falar sobre gênero na política”, em que analisa capas das principais revistas nacionais em 2016.

Dilma e a imagem pública - Além do exercício de poder, governantes perseguem a obtenção de imagem positiva capaz de gerar apoio e votos. O texto de *Helcimara Telles*, *Érica Anita Baptista* e *Thiago Sampaio* foi construído sobre análise de resultados da avaliação do governo e a compreensão sobre política e os respectivos hábitos de consumo de mídia, intitulado “Hábitos de consumo de mídia e avaliação do Governo Dilma Rousseff em 2013”. *Silas de Paula* apresenta o ensaio “Retratos da presidenta: a pensabilidade da imagem”, associando fotografia e a condição feminina. *Janaina Gomes* e *Caroline Casali* apresentam pesquisa sobre a relação entre a imagem pública da presidenta em revistas e as sondagens de opinião, sob o título “A imagem pública de Dilma Rousseff: entre a opinião publicada em revistas e as sondagens de opinião”.

O texto de *Nísia Martins do Rosário* e *Gabriela Pacheco Dávila* oferece uma singular abordagem sobre a corporalidade política da presidenta no período do *impeachment*-golpe denominado “O corpo político do golpe em três tempos: Dilma Rousseff e a cobertura imagética no processo de *impeachment*”.

Dilma e as suas representações - A crítica e as montagens visuais facilitadas por dispositivos digitais, ditos “memes”, especificamente sobre Dilma Rousseff são objeto de pesquisa apresentada por *Viktor Chagas, Dandara Magalhães, Leticia Sabbatini e Guilherme Popolin*, sob o título “Nem quem ganhar, nem perder, vai ganhar ou perder. Vai todo mundo perder: os memes de Dilma Rousseff durante e após o *impeachment*”. A circulação de informações em dispositivos digitais abriu novas perspectivas de análise da política.

A abordagem cinematográfica que tem a presidenta Dilma como personagem é apresentada por *Miriam de Souza Rossini e Guilherme Fumeo Almeida*, através do texto “Golpe e Democracia: da figura política de Dilma Rousseff à construção do *impeachment* nos documentários O Processo (2018) e Democracia em Vertigem (2019)”.

Maria Eduarda Rocha analisa a desconstrução da presidenta Dilma Rousseff em coberturas do Jornal Nacional sob o título “O Jornal Nacional e o rito de destituição de Dilma Rousseff: o monopólio social da “nação””.

Dilma e a democracia digital – A abordagem digital abrange o debate sobre participação, visibilidade, redes sociais e os dispositivos relacionados à produção de informações. Três diferentes perspectivas sobre isto integram essa obra. O texto de *Fernanda Cavassana e Giulia Sbaraini Fontes* apresenta a relação entre o *impeachment* e a participação de cidadãos neste debate, através do Facebook, sob o título “O *impeachment* de Dilma Rousseff como interesse de debate digital: o engajamento em notícias sobre o tema no Facebook”.

Fabiana Costa Flores de Carvalho estuda nos *websites* do MBL, VPR e FPB, as estratégias de convocação adotadas em relação ao ataque e à defesa da presidenta Dilma, no artigo intitulado “Ativismo no Brasil 2014-2016: a batalha digital e a ocupação nas ruas que antecedem a queda de Dilma Rousseff”.

Também *Ana Javes Luz* aciona questões importantes relacionadas à memória, comunicação e política, a partir do *website* do Palácio do Planalto no texto intitulado “O segundo golpe contra Dilma Rousseff: ocultamento da comunicação da ex-presidenta no site do planalto”.

Dilma e o impeachment - A problematização sobre a legitimidade e a perspectiva jurídica do golpe/*impeachment* é realizada na análise das narrativas que justificam esse procedimento, por *Domingos Barroso da Costa* e *Andrey Régis de Melo*, conforme indica o título “Sobre as veredas jurídico-políticas da deposição da presidenta Dilma Rousseff”. Também o texto de *Juliana Gagliardi*, *Afonso de Albuquerque* e *Marcelo Alves dos Santos Junior* expõe as narrativas que justificam o voto dos deputados visando o seguimento do *impeachment* na Câmara Federal, como bem exemplifica o título “Pela memória do coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra: a política da memória na votação do *impeachment* de Dilma Rousseff”.

O texto de *Bruna Andrade* intitulado “O argumento do *impeachment*: desqualificação político-econômica do Governo Dilma Rousseff” concentra-se nos discursos no dia do afastamento provisório da presidenta Dilma sustentados por justificativas de ordem econômica.

No texto “Semiótica do golpe” de *Alexandre Rocha da Silva*, *Alessandra Werlang* e *Gabriel Nonino* e *Suelem Lopes de Freitas* encontra-se a relação entre o Brasil e os golpes de estado em Honduras (2009) e no Paraguai.

Dilma e a imprensa nacional – A imprensa constitui um cenário fundamental para a consecução do *impeachment* e a mobilização da sociedade contra a presidenta. Além de protagonista do processo, cabe ressaltar o investimento editorial do jornalismo de referência contra o PT, conforme extensiva análise de Fernando Azevedo (2017) sobre manchetes e editoriais entre 1989 e 2014.

Christa Berger reflete no artigo “O jornalismo que envergonha: a presidenta Dilma Rousseff na revista Isto É” sobre o jornalismo,

machismo, feminismo, gênero e poder. Os jornais de referência (Folha de São Paulo, O Estado de São Paulo e o Globo) são objeto de análise em vários artigos. *Frances Vaz* e *Vera Veiga França* analisam os enquadramentos de Dilma Rousseff em seu primeiro ano de governo, por colonistas dos jornais O Estado de S. Paulo e Folha de S. Paulo, sob o título “Avaliação retrospectiva dos enquadramentos de Dilma Rousseff em seu primeiro ano de governo (2011-2012)”.

Liziane Soares Guazina e *Ébida Santos* realizaram extensiva pesquisa sobre o modo com que o tema emergiu nas capas da *Folha de São Paulo*, entre 2014 e 2016, no artigo “QUANDO TUDO COMEÇOU? O *impeachment* de Dilma Rousseff nas capas da *Folha de S. Paulo*”. *Camila Becker*, *Camila Cesar*, *Débora Gallas Steigleder* e *Maria Helena Weber* analisaram o enquadramento da votação da Câmara nas primeiras páginas dos jornais de referência sob o título “Manifestações e votos ao *impeachment* de Dilma Rousseff na primeira página de jornais brasileiros”.

Ângelo Neckel, *Fernanda Bastos Pires* e *Laura Ferreira Guerra* denominaram de “As metáforas de guerra ante o *impeachment* de Dilma Rousseff (2016)” o discurso dos editoriais de O Globo diante deste acontecimento. Sob o título “Patrimonialismo cínico: enquadramentos da deposição de Dilma Rousseff nos jornais”, *Dédallo Neves* e *Kelly Prudencio* demonstram a presença do estado patrimonialista nos enquadramentos dos jornais Folha de S. Paulo, O Globo e O Estado de S. Paulo.

Dilma e a imprensa internacional – O *impeachment* da presidenta Dilma repercutiu no mundo todo. *Camila Moreira Cesar* analisa a crise brasileira e o *impeachment* da presidenta Dilma a partir de enquadramentos no jornal francês Le Monde, sob o título “O *impeachment* de Dilma Rousseff no jornal Le Monde”.

O último capítulo do livro é dedicado ao desenvolvimento da hipótese sobre a existência de um *paradoxo político-comunicacional* que

adquiriu concretude a partir de três acontecimentos interligados: as duas eleições da presidenta Dilma (2010 e 2014) e sua deposição por *impeachment*, em 2016. A exposição dessa reflexão é a continuidade das pesquisas e da produção científica geradas no Núcleo de Pesquisa em Comunicação Pública e Política (NUCOP) na forma de debates, artigos, teses e dissertações. Sob o título “*O paradoxo-político-comunicacional (uma hipótese sobre o poder provocada por Dilma Rousseff)*” é o texto que relaciona e problematiza a interdependência entre política e comunicação que interfere na qualidade das democracias. A visibilidade é o vetor desta qualidade, na medida em que o poder de comunicação das instituições políticas está delimitado pelo poder de comunicação da sociedade, da imprensa, das redes sociais e dos arranjos da política.

Deixamos aqui textos e as muitas possibilidades de leitura, seja através de conceitos, hipóteses, análises, conclusões e dúvidas devido à ausência de informações desejadas, ou mesmo à impossibilidade de esgotar a abordagem. Porque assim é a reflexão de cunho científico: descontínua, incompleta e instigante na sua tentativa imperiosa de entender e explicar os acontecimentos do mundo. Este trabalho é um dos resultados quando há investimentos na pesquisa e na formação de doutores e mestres viabilizados por agências de fomento como CNPq e Capes em apoio às universidades.

Maria Helena Weber

Porto Alegre, agosto de 2021,
Cinco anos depois do Golpe.